

4

O prazer literário: poéticas leitoras com a comunidade surda

Fernando de Mendonça

Como atrair o público surdo para o prazer do universo literário? Quais os caminhos de mediação, em uma prática de ensino bilingue que contemple estudantes ouvintes e surdos, que potencializem a aproximação a conceitos e obras literárias de maneira envolvente e eficaz? É possível trabalhar textos canônicos, romances e narrativas clássicas, obras da literatura brasileira e universal sem que a comunidade surda se prejudique diante de um contexto tradicionalmente grafocêntrico?

Penso que essas e outras indagações semelhantes rondem a mente de qualquer pessoa disposta a abraçar a docência no ensino dos estudos literários para a comunidade surda. Não foram poucos os temores que me assaltaram quando, dez anos atrás, em meados de 2015, assumi a área de teoria literária no Departamento de Letras LIBRAS (DELI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), advindo que era do ensino apenas para ouvintes e mantendo o convívio com a língua de sinais em âmbitos informais e não acadêmicos.

Minha preocupação, já que me identifico como alguém partidário de uma pedagogia do prazer, aos moldes do que Roland Barthes defendia desde que publicou *O Prazer do Texto*, em 1973, era de encontrar mecanismos que permitissem uma elucidação do gozo leitor junto a uma comunidade que não tem por hábito a lida com textos escritos verbalmente, mas que prima por recursos visuais e imagéticos.

A poética dos primeiros passos

“Um professor que não ama a leitura
comunica seu desamor mesmo que se apresente
diante dos alunos como um leitor contumaz.”

Elena Ferrante

Dividindo as disciplinas da área literária, no DELI, com o colega Prof. Dr. Carlos Magno Comes, desde o início de minha atuação nesse Departamento fiquei responsável pelas matérias mais diretamente ligadas às bases da teoria literária, um cenário de conceitos que praticamente não dispõe de recursos adaptados em LIBRAS. Lembro-me bem e sempre compartilho o episódio que guardei afetivamente como uma espécie de ‘batismo’ na instituição, quando, no esforço por ensinar, à luz de Jakobson (1973), o conceito da literariedade, ou seja, aquilo que distingue a função poética da linguagem

em um texto, esforcei-me por adaptar todos os meus materiais básicos de acordo com os critérios multimodais mais adequados para um ambiente com estudantes surdos. Ao término da primeira aula, que eu havia ministrado em minha língua materna, oralmente em português, com o apoio de uma dupla de intérpretes de LIBRAS, vimos uma das alunas surdas chorando. Perguntando a ela o motivo das lágrimas, a sua resposta “Estou chorando porque eu entendi” foi o que, desde então, tornou-se a minha memória mais afirmativa de que, sim, é possível alcançar a comunidade surda com conceitos teóricos verbais. A aluna em questão, Rubivânia Andrade, formada na primeira turma do curso Letras LIBRAS, já teve a oportunidade de colaborar em nosso departamento como professora substituta e continuamente mantém relações conosco por meio de atividades de pesquisa e extensão.

Recupero o exemplo acima relatado como o melhor ponto de partida para compreender que uma das mais importantes práticas para o ensino junto à comunidade surda, em se tratando de docentes ouvintes que não possuem a LIBRAS como sua língua materna, não se trata apenas de ter a aptidão bilingue ou a proficiência em línguas de sinais. Considerando a realidade do DELI e de tantos departamentos surgidos em meados da década de 2010, quando o quadro docente das instituições universitárias ainda não contava com profissionais com formação em LIBRAS e muitos professores cooptados vinham de outras áreas do conhecimento para além das Letras, foi bastante comum perceber que, àquela época, uma das principais questões para o ensino nos cursos de LIBRAS era a apropriação de metodologias e didáticas que não excluíssem a perspectiva surda do acesso às fontes e materiais já utilizados nas mais diversas disciplinas. No meu exemplo pessoal, concluo que não foi o fato de ter algum conhecimento em LIBRAS o que me permitiu alcançar Rubivânia em sua surdez, afinal, eu nem utilizei a língua de sinais para me expressar diretamente com ela. O que me abriu caminhos de interlocução foi muito mais o trabalho de adaptar os meus materiais prévios, tentando visualizar aqueles conteúdos da maneira como uma pessoa surda o faria. Um exercício de alteridade, de colocar-se no lugar do outro e de não ficar restrito ao próprio ponto de vista e às limitações que um olhar autocentrado geralmente assume diante dos conhecimentos adquiridos, eis o desafio que toda prática docente precisa enfrentar, inclusive no contexto da comunidade surda.

E foi assim que, dando sequência às aulas e matérias literárias no DELI, também constatei que não era apenas o corpo discente surdo que carecia de um maior cuidado para o contato com o universo poético e literário. O retrospecto mais comum de se encontrar no ensino universitário de ouvintes, em relação à literatura, igualmente se

assenta em uma profusão de episódios traumáticos, advindos do Ensino Fundamental e Médio, quando os textos literários foram indevidamente apresentados e utilizados muitas vezes apenas como ilustração para o ensino de língua portuguesa, o que desvirtua a consciência literária e o caráter múltiplo requerido para uma eficiente formação de público leitor. Como ressalta Antonio Candido (2004), assim como o conhecimento é uma consequência importante da literatura, da mesma forma devemos pensar na emoção e sensibilidade que um texto literário desperta, sem hierarquias para a medição de tais valores. O ensino literário, para surdos e ouvintes, somente se efetiva quando o prazer e a emoção são considerados em primeiro plano, não por obrigações avaliativas, mas pela conscientização de que a palavra poética, na verdade, encontra-se dispersa nas mais diversas mídias e fontes de informação. O ‘coeficiente de humanização’ apontado por Candido em *O Direito à Literatura*, é exatamente o mesmo, para surdos e ouvintes, e diante disso, prevalece o compromisso de que o ensino literário não pode se furtar, sob o intermédio da LIBRAS, de ser igualmente emotivo e pedagógico para os sentidos afetivos da pessoa surda. Daí que, o aprendizado literário, comumente, resulta num agente humanizador de abertura para o próximo, para o mundo e a natureza em geral.

Alianças poéticas para o ensino de literatura surda

“A língua de sinais equipara-se à língua falada,
prestando-se igualmente ao rigoroso e ao poético.”
Oliver Sacks

Uma importante consideração a ser feita sobre o ensino de literatura para a comunidade surda, especialmente em contexto bilingue, é a de que o trabalho docente não pode ser realizado de maneira isolada ou centrada apenas na figura do professor. O primeiro e mais evidente núcleo de parcerias se estabelece com a equipe de intérpretes de LIBRAS. Por mais que sejam conhecidas inúmeras recomendações no âmbito de interação entre profissionais do ensino e intérpretes que atuam conjuntamente em uma sala de aula, no caso específico de conteúdos que se concentrem sobre a função poética da linguagem, pesa um compromisso diferenciado em relação às práticas cotidianas da interpretação em LIBRAS. Sabe-se, por exemplo, que o preparo de intérpretes que venham a trabalhar com músicas e canções, demanda

uma consciência muito mais direcionada para o uso de classificadores, um repertório ampliado em linguagem figurada, cuidados maiores com as expressões faciais e corporais, entre tantos outros critérios que são essenciais para uma adequada transmissão dos conteúdos poéticos típicos ao discurso musical. Da mesma forma, o trabalho de intérpretes em disciplinas de teoria literária também se depara com uma variedade de imaginários poéticos que se multiplicam, seja para a ilustração de conceitos, seja para os exemplos trabalhados em excertos de prosa e poesia¹. Intérpretes de LIBRAS que trabalham diretamente com literatura, invariavelmente, necessitam de uma expansão nos seus horizontes de atuação para o alcance de uma aptidão e autonomia mais funcionais.

Nesse sentido, um episódio que marcou a minha trajetória como professor de literatura no DELI, foi o atendimento de uma demanda específica trazida pela Divisão de Ações Inclusivas (DAIN) da UFS, setor que concentra a mais expressiva quantidade de intérpretes na instituição, que certa vez solicitaram uma capacitação com a abordagem de recursos para interpretação poética, no sentido de otimizar o seu trabalho em possíveis contextos relacionados. Foi assim que, entre julho e agosto de 2019, ofertamos o curso de “LIBRAS e Liberdade Poética: técnicas de interpretação”, acolhido justamente pela equipe de intérpretes que mais diretamente atua nas disciplinas literárias do DELI. Na oportunidade, as discussões em torno da leitura literária enquanto ato performático, assim como de recursos semióticos e intersemióticos, direcionaram uma compreensão comum de parâmetros práticos para a tradução e interpretação poéticas, a serem desenvolvidos e aplicados em âmbito institucional, junto às turmas e públicos que interagem com os discursos poéticos e literários. Foi um despertar importante para o quadro de intérpretes da instituição, a exemplo da motivação gerada em uma profissional lotada no quadro técnico do próprio DELI, a intérprete Raquel Ferreira da Silveira, que desde o início demonstrou interesse em acompanhar as disciplinas literárias e decidiu se especializar como pesquisadora da área, cursando o Mestrado em Estudos Literários a partir de 2022 e defendendo a sua dissertação “As Adaptações da Cinderela Surda e o Visuoleitor”, em 2024, pelo PPGL (UFS), sob orientação do já lembrado Prof. Carlos Magno. Atualmente, Raquel desenvolve sua

¹ Recomendamos a consulta aos III volumes da Coleção “Textos e Contextos Artísticos e Literários: tradução e interpretação em LIBRAS”, organizados por Natália Schleder Rigo entre 2019 e 2020 para a Editora Arara Azul. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/textos-e-contextos-artisticos-e-literarios-traducacao-e-interpretacao-em-libras-volume-iii/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

pesquisa de doutorado no mesmo programa, com o renovado interesse de refletir processos de interpretação na leitura literária.

Outro desdobramento relevante no sentido de relações estabelecidas para o ensino de literatura surda, e que ultrapassa o âmbito institucional, são as conexões que surgem quase que espontaneamente entre os pares que trabalham com tal especificidade no cenário dos cursos e departamentos de Letras LIBRAS, Brasil afora. Como a realidade da área ainda é restrita e emergente, encontros e parcerias são formados, não apenas a nível regional, mas nacionalmente, sem que um grande esforço seja implementado nesse sentido. Guardo com carinho, por exemplo, o encontro com o pesquisador e professor surdo Bruno Ferreira Abrahão, da UFRJ, ocorrido de maneira inusitada durante o XV Congresso Internacional da ABRALIC, em 2017. Na ocasião, atuei como coordenador de um simpósio sobre a *mise en abyme* na literatura e nas artes, sem distinguir nenhuma ênfase ao contexto da LIBRAS ou da comunidade surda, já que esse não era o foco das pesquisas na Associação Brasileira de Literatura Comparada. Sem me conhecer ou saber de minha afinidade com o tema, o professor Bruno se inscreveu no mesmo simpósio com uma comunicação sobre literatura surda, performance e arte visual vernacular, tornando-se o primeiro surdo a apresentar trabalho em um Congresso da ABRALIC. Assim como para mim, também foi uma surpresa para Bruno encontrar outro colega da mesma área de ensino, sem que nada a respeito da LIBRAS fosse indicado na proposição do simpósio. O forte apelo às visualidades e à multimodalidade que constava no grupo foi o motivo para que ele escolhesse o nosso recorte conceitual, repito, em uma época quando ainda nem se falava em literatura surda na maior associação acadêmica de literatura que temos no Brasil. A aliança não planejada e pioneira, ali estabelecida, oportunizou visitas recíprocas entre nossas instituições, nos anos seguintes, com minha participação em eventos da UFRJ e a participação de Bruno em eventos da UFS, presencialmente (ainda antes da forçada atualização remota instaurada após o contexto da pandemia de Covid-19). Se hoje conseguimos encontrar com melhor frequência a discussão sobre literatura surda em congressos e eventos acadêmicos, isso acontece por pequenos e produtivos encontros como o que vivemos naquela ocasião. Um movimento estratégico na partilha do conhecimento abre portas e descortina horizontes, transformando realidades e potencializando uma comunhão poética sem fronteiras.

Estímulos poéticos e criativos para o empoderamento surdo

“Tirar a literatura em LIBRAS
da comunidade surda é como cortar flores...”
Rachel Sutton-Spence

Uma das grandes ênfases nas reflexões formalizadas sobre literatura surda no Brasil, destaca a importância da área para o empoderamento de sua comunidade e o desenvolvimento da LIBRAS. Desde o trabalho pioneiro desenvolvido pela professora Lodenir Karnopp, com a implantação do curso de Letras LIBRAS na Universidade Federal de Santa Catarina e os primeiros materiais bibliográficos oficialmente organizados para a área da literatura surda dentro do ensino universitário (2008a, 2008b), até em trabalhos mais recentes e amplificados sobre o assunto, a exemplo do volume *Literatura em LIBRAS*, pela professora Rachel Sutton-Spence (2021), todos esses utilizados reiteradamente em minha trajetória docente no DELI, é possível perceber que a expressão identitária e cultural da pessoa surda atravessa as bases de qualquer manifestação literária relacionada à surdez. Como se verifica em toda manifestação idiomática e linguística, as apropriações poéticas da linguagem são fundamentais para a demarcação de afinidades comunitárias e coletivas, o que também já se comprova historicamente e, localmente, como uma força para os surdos sergipanos e tudo o que a UFS agrega, através dos trabalhos no DELI.

Avançando no recorte aqui proposto da década 2015-2025, os últimos cinco anos, apesar de muito prejudicados no curso de Letras LIBRAS em virtude da pandemia, também registraram ocorrências valiosas, inclusive no sentido de uma ampliação por parte do corpo discente, de ações em âmbito de pesquisa e extensão que estreitam ainda mais os laços da Universidade com a sociedade em torno. Saraus literários, oficinas e minicursos de extensão acadêmica, projetos de pesquisa em iniciação científica, entre tantas outras ações têm sido desenvolvidas junto ao alunado do curso, evidenciando-se uma forte identificação nos grupos de estudantes com as expressões poéticas e literárias. Nesse sentido, cabe um destaque para o aluno surdo Antônio Rúbio Andrade (irmão da já citada Rubivânia), que dentre as inúmeras atividades desenvolvidas durante o seu curso, realizou a pesquisa (PIBIC) “Poesia Surda no Nordeste”, sob minha orientação, colaborando no mapeamento da literatura surda e

com isso também contribuindo ao seu histórico no curso, que foi reconhecido em 2023 com o Prêmio Destaque UFS – Prof^a Maria Thetis Nunes, no caso, escolhido como o representante do Centro de Educação e Ciências Humanas. Atualmente, Rúbio atua no DELI como professor substituto.

Entre tantos episódios vivenciados na área dos estudos literários junto ao DELI, todos os exemplos até aqui relatados convergem no sentido de servir como síntese a uma consciência poética que compreende o ato criativo enquanto um recurso essencial para a construção, a manutenção e o aperfeiçoamento da subjetividade humana. Trata-se de uma amostragem breve, mas que, espera-se, represente de maneira significativa a relevância da literatura no curso de Letras LIBRAS da UFS. A partir da compreensão de que o objeto literário sempre opera diretamente sobre a formação humana, o repertório acumulado na área dentro da realidade de uma licenciatura, como é o caso no DELI, contribui não apenas para o amadurecimento de cada estudante em formação, mas impacta no futuro de professores e professoras que encontrarão na literatura surda uma variedade de opções e estratégias inesgotáveis para o ensino e a abordagem da LIBRAS².

Referências

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinzburg. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

FERRANTE, E. **Frantumaglia**: os caminhos de uma escritora. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1973.

KARNOPP, L. **Literatura surda**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008a.

KARNOPP, L. **Literatura visual**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina: 2008b. Disponível em:

² Dedico este texto aos espaços que me letraram em LIBRAS e me conectaram primeiramente com a comunidade surda, a saber: a Igreja Batista Boas Novas (SP), na pessoa da professora e intérprete Selma Cardoso, e a Igreja Batista da Capunga (PE), na pessoa do professor e intérprete Pastor Benevando Farias.

www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificca/literaturaVisual/. Acesso em: 10 ago. 2025.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Laura Teixeira Motta. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVEIRA, R. F. da. **As adaptações da Cinderela surda e o visuoleitor**. 2024. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – PPGL, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em LIBRAS**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2021.